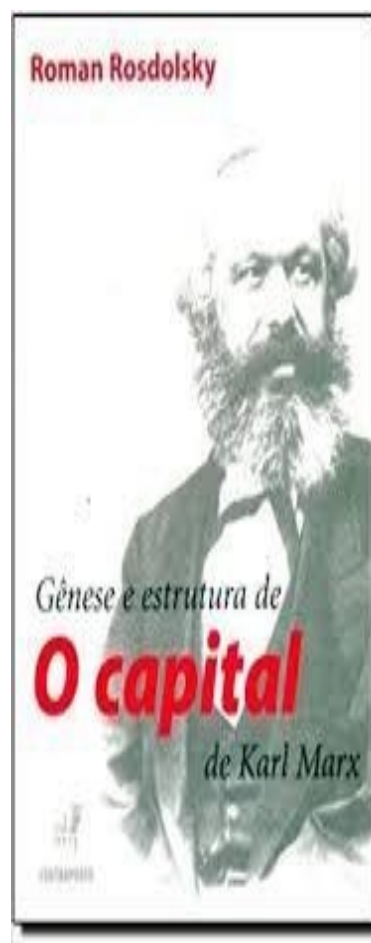

BLOG EXPEDIÇÃO KARL MARX: PARA LER *O CAPITAL*

SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 11 – 12.07.2023

**PARTE IV – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE
CIRCULAÇÃO [DO CAPITAL] (continuação)**

**Capítulo 22 a 24 – As novas determinações formais do
capital**

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 11 (publicado em 12.07.2023)

PARTE IV – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO [DO CAPITAL]
(continuação)

NOTA DO ARTICULISTA I [3](#)

NOTA DO ARTICULISTA II [5](#)

Capítulos 22 a 24 – As novas determinações formais do capital [6](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [24](#)

FOLHETO Nº 11

PARTE IV – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO [DO CAPITAL] (continuação)

NOTA DO ARTICULISTA I

A **Expedição Karl Marx: Para ler *O capital***, cujo objeto de conhecimento se restringe à **teoria crítica da economia política capitalista** edificada pelo filósofo alemão **Karl Heinrich Marx**¹, tem como destino final o estudo da sua obra magna ***O capital: Crítica da economia política***, ou, simplesmente, ***O capital***².

Para efeito do itinerário desta “expedição literária”, com base no que apuramos em pesquisa realizada junto a estudiosos do tema, optamos por acessar primeiramente os escritos antecedentes que serviram de base para a elaboração da obra maior marxiana, conforme descrito na página Roteiro da Expedição deste Blog³. Agindo assim, aspiramos construir uma base de conhecimento tal que nos permita captar da forma mais consistente possível o que o teórico alemão-prussiano tem a dizer nos quatro livros d’*O capital*.

Nessa direção, iniciamos o primeiro trecho da nossa “caravana” com o Artigo Expositivo I que trata, excepcionalmente, da única obra não autoral de Marx contemplada neste projeto: o livro do pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky, ***Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx***.⁴

Gênese é avaliada como um guia de acesso ao universo teórico e metodológico da crítica de Marx à economia política capitalista, visto se tratar de um comentário robusto e esclarecedor dos primeiros manuscritos propriamente econômicos redigidos e organizados pelo nosso teórico alemão em 1857/1858, mas não publicados por ele, vindo a público somente em 1939, na cidade de Moscou, sob o nome ***Grundrisse (Elementos (Esboços) fundamentais para a crítica da economia política)***⁵. Este conjunto de manuscritos são distinguidos como o marco inaugural da investigação crítico-científica marxiana do modo de produção capitalista, bem assim como a base teórica e metodológica do que viria a ser *O capital*.

Seguindo mais uma vez a recomendação de vários autores, exatamente

1 Na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste [Blog](#), apresentamos um panorama sobre a vida e obra do filósofo alemão, bem assim sobre os principais aspectos e conceitos que norteiam seu pensamento.

2 Também na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, subseção “[Pensamento econômico](#)”, apresentamos, preliminarmente, um arrazoado da obra fundamental do filósofo alemão, incluindo a conceituação de capitalismo, a definição de economia política, modo de produção, capital e de outras categorias econômicas ali presentes, além das sinopses dos quatro livros da obra: Livro I - *O processo de produção do capital* (1867); Livro II - *O processo de circulação do capital* (1885); Livro III - *O processo global da produção capitalista* (1894) e o Livro IV - *Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico* (1905).

3 Confira em <https://expedicaookarlmarx.com.br/roteiro-de-leitura-2-2/>.

4 ROSDOLSKY, Roman. ***Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx***. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2001. De Roman Rosdolsky e da apresentação da sua obra tratamos no [Folheto nº 01](#).

5 Sobre as linhas gerais dos *Grundrisse*, seu nascimento, descoberta e publicação, reveja também o [Folheto nº 01](#).

por possuir tal escopo, optamos por adotar o livro de Rosdolsky como ponto de partida desta empreitada, dado o alto grau de complexidade do conteúdo, método e escrita dos *Grundrisse*, o que faz do estudo de *Gênese* uma tarefa preparatória para debruçarmos sobre os próprios primeiros manuscritos econômicos de Marx em um terceiro momento da **Expedição**.

Até aqui visitamos e conhecemos os seguintes temas postos em *Gênese e estrutura de "O capital"*: como nasceram os *Grundrisse* – uma descrição da trajetória intelectual de Karl Marx, de 1842/1843 à publicação d'*O capital* (Folheto nº 01); os dois planos estruturais da obra definitiva de Marx – uma análise preliminar da metodologia utilizada em seu trabalho investigativo da crítica da economia capitalista –, além da digressão de R. Rosdolsky sobre a categoria do valor de uso (utilidade) das mercadorias sob a ótica da economia política em cotejo com o tratamento dispensado pelo filósofo alemão (Folheto nº 02); a primeira formulação da teoria de Marx sobre o dinheiro (Folhetos nº 03 a 05); o processo de produção do capital (Folhetos nº 06 a 09); e, por fim, iniciamos o estudo da seção que trata do processo de circulação do capital (Folheto nº 10 e Apêndice).⁶

Avancemos, então, para novo trecho do Artigo Expositivo I, mais três capítulos da *Parte IV – A seção sobre o processo de circulação [do capital] de Gênese!!!*

6 Confira os folhetos já publicados em <https://expedicaokarlmarx.com.br/artigo-expositivo-de-genese-e-estrutura-de-o-capital-2-2-2-2-2-3/>.

NOTA DO ARTICULISTA II

No capítulo anterior apresentamos uma abordagem apenas preliminar sobre os obstáculos e dificuldades do processo de realização do capital (sua transformação em dinheiro), resultantes do exame do “capital em geral”, o capital *in abstrato*, cuja solução definitiva começaria a aparecer em uma etapa posterior da investigação marxiana, como veremos no decorrer da nossa **Expedição**.⁷ Naquele tópico, Roman Rosdolsky cuidou de reproduzir a digressão presente no início da segunda seção dos manuscritos *Grundrisse* (1857/1858), que vai além da análise do assunto principal da seção – a investigação do processo de circulação do capital e das novas determinações formais do capital que se originam naquele processo – para abordar o problema da realização e o problema das crises de superprodução no capitalismo.

A partir do Capítulo 22 de *Gênese*, Roman Rosdolsky passa a se debruçar, conforme adjetiva, sobre “O que mais interessa na seção dos *Grundrisse* dedicada ao processo de circulação”: o exame das **novas determinações formais do capital** que se originam na esfera da circulação, tendo em vista, de acordo com o que prescreve o próprio Marx, “demonstrar o ulterior desenvolvimento da forma do capital que nela tem lugar [pois, a circulação, tal qual considerada nos manuscritos de 1857/58, ‘é um processo de **transformação qualitativa do valor** [...], na medida em que nesse processo de transformação como tal – nesse trânsito de uma determinação a outra – surgem novas determinações’ (grifo nosso), digo eu, recorrendo ao próprio Marx⁸]”.

Para tanto, o filósofo alemão supõe que “o capital percorre normalmente seu processo de circulação”, conseguindo, o capitalista, “vender suas mercadorias e reconverter em capital a maior parte do dinheiro obtido”. Ou seja, do ponto de vista metodológico, realçado sobretudo no Folheto nº 10 e Apêndice, aqui se foca no “processo ideal” da reprodução do capital.

Com vistas a melhor abordagem dos três capítulos de *Gênese* que examinam tais determinações⁹, e que, por sinal, esgotam os comentários do nosso autor ucraniano acerca dos registros iniciais da investigação marxiana lançados nos *Grundrisse* sobre o processo de circulação do capital, reunimos todos eles no Folheto nº 11.

7 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 279 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

8 Ibidem, p. 561 Nota 2.

9 O capítulo vinte e dois analisa a influência do tempo de circulação do capital na determinação do valor; o capítulo vinte e três destaca a rotação do capital e o tempo de rotação e, por fim, o capítulo vinte e quatro traz as determinações formais do capital fixo e do capital circulante.

Capítulos 22 a 24: As novas determinações formais do capital

A) O tempo de circulação [do capital] e sua influência na determinação do valor (Capítulo 22)¹⁰

Inicialmente, Roman Rosdolsky recorda que na investigação do processo de produção demonstrou-se “que a valorização do capital consiste exclusivamente em apropriação de trabalho alheio não pago [mais-trabalho, digo eu novamente] e que a maneira mais exata de medir o grau dessa valorização é utilizar a magnitude do tempo de mais-trabalho extraído dos trabalhadores”. Partindo dessa assertiva, o autor abre o capítulo com duas perguntas: será que a importância do fator tempo na produção se esgota no parâmetro do tempo de mais-trabalho extraído? Ou o tempo de permanência do capital no processo de produção deve ser considerado como criador de valor e de mais-valia, mesmo quando não haja tempo de mais-trabalho dispendido ao longo de todo o processo?¹¹

Em suma, o tema deste capítulo é a distinção entre o **tempo de produção** e o **tempo de trabalho**, ou, como bem anota Rosdolsky com base no *Livro II – O processo de produção do capital* da obra maior marxiana, a “diferença entre a duração do processo de produção – o tempo de produção – e a duração do tempo de trabalho para confeccionar o produto”.¹²

Uma boa ilustração da questão Marx encontrou no setor agrícola, mas não só: “Na agricultura (e, em maior ou menor grau, em muitos outros setores produtivos), as condições do processo produtivo impõem interrupções ou pausas naturais no tempo de trabalho [fase do plantio, fase do manejo, fase da colheita etc, digo eu], que em determinado ponto deve recomeçar, de modo a prosseguir ou completar o processo; nesses casos, a vigência do processo produtivo não coincide com a continuidade do processo de trabalho”.¹³

Diferentes produtos podem exigir tempo de trabalho igual, embora o tempo de produção de cada um pode apresentar diferenças importantes. O vinho, por exemplo, tendo praticamente se encerrado o tempo de trabalho dispendido na produção, requer que permaneça armazenado por um longo período, em cujo lapso temporal há relativamente pouca demanda de trabalho.¹⁴

10 O conteúdo do Capítulo 22 de *Gênese* corresponde ao item “O circuito do capital” da *Segunda seção: O processo de circulação do capital, Capítulo do capital*, dos manuscritos *Grundrisse*, de acordo com a edição de 2011 publicada pela Editora Boitempo (in MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., Sumário). Contudo, na explanação do capítulo, Rosdolsky não se limita aos *Grundrisse*, recorrendo às vezes à obra posterior, *O capital*. Quando tal fato ocorrer faremos a devida menção.

11 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 279.

12 Roman observa que nos *Grundrisse* “essa diferença só é tratada de forma fugaz, na medida exata em que era necessário fazê-lo para mostrar sua influência sobre a valorização do capital” (Idem, p. 561 Nota 4).

13 Ibidem, p. 279 e 280.

14 Ibidem, p. 280 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

Apesar de tais “diferenças” determinarem, assinala Roman, “diferentes [sic] períodos de rotação [do capital, digo eu] para diferentes [sic] setores”, conforme veremos no próximo capítulo, Karl Marx não crê que as diferenças no tempo de produção da cada produto devam “compensar-se”, em vista de que “capitais da mesma magnitude devem gerar lucros de mesma magnitude”.

O filósofo alemão refuta a ideia de que “uma circunstância natural que impeça o capital, em determinado setor produtivo, de intercambiar-se pela mesma quantidade de tempo de trabalho no mesmo tempo que outro capital em outro setor produtivo possa ajudar de alguma forma a aumentar o seu valor [o valor do capital, digo eu]”.

Para Marx, “A não coincidência entre tempo de produção e tempo de trabalho decorre geralmente das condições naturais que aqui interferem na valorização do trabalho, ou seja, na apropriação de mais-trabalho pelo capital. Naturalmente, tais obstáculos no caminho deste não constituem vantagens, mas sim, de *son point de vue*, perdas”¹⁵. Isto é, os obstáculos, do ponto de vista do capital, constituem perdas e não ganhos, daí não se falar em compensação entre os diferentes tempo de produção de diferentes produtos.

Por ser assim, conforme consta nos *Grundrisse*, a valorização do capital, e por isso também a mais-valia, “não depende da duração da fase produtiva, mas sim do tempo de trabalho – tanto o objetivado como o vivo – empregado na fase produtiva. Só o tempo de trabalho vivo – e precisamente na proporção em que ele seja empregado, em relação ao trabalho objetivado – pode criar mais-valia, porque [‘cria’, intervém Rosdolsky] mais-trabalho [...]”. Por isso, ressalta o autor de *Gênese*, “ao contrário do que ocorre com o tempo de trabalho, não se pode atribuir ao tempo de produção um papel criador de valor”.¹⁶

Portanto, do ponto de vista do capital, **o tempo de produção não cria valor ou mais-valia, mas sim o tempo de trabalho não pago (mais-trabalho)**, o qual pode ser concluído e encerrado antes de se esgotar o tempo de produção.

Até aqui Rosdolsky examinou o fator tempo considerando a permanência do capital na esfera da produção. Mas sabemos que concluída a fase de produção, o capital deve ingressar na esfera da circulação, “que, como se sabe, também demanda tempo”, enfatiza o pensador ucraniano. A par disso, mais dois questionamentos são postos por Roman: “O que sucede então com este gasto de tempo? Como ele influi na criação de valor e na valorização do capital?”¹⁷. Ou, de outro modo, o tempo de circulação do capital cria valor? O tempo de circulação do capital interfere na sua valorização, na produção de mais mais-valia?

De acordo com os ensinamentos de Marx, “a circulação ocorre no espaço e no tempo”. Nesse sentido, identificou dois tipos de circulação: a **circulação “espacial”**,

15 Ibidem, p. 561 Nota 9.

16 Ibidem, p. 280.

17 Ibidem, p. 280.

ou “**real**”, e a **circulação “econômica”**. A circulação espacial, definida como “o transporte físico do produto até o mercado”, faz parte, sob o prisma econômico, do “**processo de produção**”, uma vez que pode ser considerada, na visão do nosso alemão, como “transformação do produto em mercadoria [algo que se destina e está pronto para o intercâmbio, para a comercialização, para a troca, digo eu]”, haja vista que “o produto só está realmente terminado quando se encontra no mercado”. Esse movimento que leva o produto ao mercado “faz parte de seus custos de produção”. Na circulação real ou espacial não há qualquer modificação de conteúdo no produto, o seu transporte apenas modificou a sua “existência espacial”. A extração de “metais das minas” ou o “transportar de mercadorias” até o mercado consumidor são “movimentos no espaço”.¹⁸ Ambos atos estão incluídos na esfera da produção. A circulação propriamente dita, a circulação econômica, somente “começará depois de [‘o produto’, intervém Roman] chegar ao seu lugar de destino”.¹⁹

A circulação espacial confere ao produto um novo valor de uso e que, inclusive, consome tempo de trabalho (a exemplo da tarefa de pesar, medir, empacotar etc, dando ao produto uma forma adequada à venda e ao consumo), sendo, ao mesmo tempo, valor de troca (no sentido de valor econômico ou intrínseco²⁰), e, por isso, cria valor.²¹

Diferentemente da circulação espacial ou real, a **circulação econômica**, a circulação propriamente dita, que ocorre **fora da esfera da produção**, é tão somente um “**processo qualitativo do valor**” (grifo nosso), **não cria valor** e, por conseguinte, **mais-valia**, é apenas “uma mudança de forma que o valor experimenta ao passar por diferentes fases”. Não obstante, esse tipo de circulação também **exige tempo**, especialmente “o tempo exigido pela transformação da mercadoria em dinheiro [processo de realização, digo eu] e do dinheiro novamente em mercadoria [processo de reprodução, digo eu novamente]”.²²

Sendo a circulação econômica a transformação da mercadoria em dinheiro e deste novamente em mercadoria, não havendo aí qualquer dispêndio de tempo de trabalho, é possível afirmar que um momento “independente do trabalho”, que “não decorre diretamente dele”, mas que “emana da própria circulação”, exerce influência ou “intervém na determinação do valor”? Marx responde afirmativamente: “Sim.

18 Ibidem, p. 280.

19 Ibidem, p. 561 Nota 12.

20 “**Valor**” ou **valor econômico ou valor intrínseco da mercadoria** é o valor medido através do **tempo de trabalho socialmente necessário**, do **tempo de trabalho humano abstrato** objetivado na mercadoria, ou seja, do tempo de trabalho social padrão para produzir uma mercadoria, que possibilita a troca de bens qualitativamente distintos por meio de um equivalente geral, o dinheiro. Sobre valor de uso, valor de troca e valor, os quais decorrem da definição e dimensão da categoria mercadoria, recomendamos a releitura do **Capítulo 3** (“Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”) do Folheto nº 02 deste artigo, onde, entre outros aspectos, aprofundamos a definição de mercadoria, tratamos da substância do seu valor (o tempo de trabalho socialmente necessário ou trabalho social ou, ainda, tempo de trabalho abstrato socialmente determinado), além da distinção entre valor de uso, valor (valor econômico ou valor intrínseco) e valor de troca.

21 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 281 c/c p. 561 Nota 14.

22 Idem, p. 281 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

‘Pois a renovação da produção depende da venda dos produtos acabados’”, depende “da ‘transformação da mercadoria em dinheiro e reconversão do dinheiro em condições de produção [em meios de produção e até mesmo em aquisição de força de trabalho, digo eu]’”. Uma coisa é dizer que a circulação econômica influencia na determinação do valor, outra coisa é afirmar que esta circulação cria valor, que valoriza o capital, que cria mais-valia.

Como o circuito do capital contempla necessariamente a sua permanência na esfera da circulação, essa permanência, diz Rosdolsky, “é uma parte necessária na trajetória do capital”. A quantidade de bens produzidos em um período dado, a frequência com que um capital pode valorizar-se, a frequência com que seu valor pode reproduzir-se e multiplicar em um período dado, tudo isso depende, crava diretamente Marx, “da velocidade da circulação, do tempo em que esta última se realiza [...]”. Enfim, tudo isso depende do tempo de permanência do capital na circulação. Repare que esta condição de valorização, apesar de atingir o processo produtivo, não foi posta “diretamente” por ele²³.

A velocidade da circulação, portanto, é da maior importância para o capital e influi na determinação do valor, “já que dependem dela a velocidade do processo de produção e, como decorrência, ‘se não os próprios valores [...], até certo ponto, a massa dos valores’”, conclui Rosdolsky ancorado em Marx.²⁴

Porém, embora o tempo da circulação influa na determinação do valor, a aceleração da circulação, ao contrário do que se pode imaginar à primeira vista, não cria valor, tampouco mais-valia. Na percepção de Rosdolsky, “a aceleração da circulação pode, no máximo, **reduzir os obstáculos à reprodução do capital**, obstáculos inerentes à natureza do próprio capital”. Replicando o exemplo de Marx, “se as condições reais da produção de trigo de certo país permitem uma só colheita, nenhuma velocidade de circulação poderá convertê-la em duas colheitas”. De outra banda, a rigor²⁵, se, diante de condições reais de produção que permitem duas colheitas no ano, o produtor não pudesse vender seu produto da primeira safra a tempo, a segunda safra anual não poderia ser produzida de imediato. E mais, se as condições reais de produção admitissem as duas safras anuais e se o produtor vendeu a tempo a colheita da primeira safra, a velocidade satisfatória da circulação do capital apenas não criou obstáculo para que novo valor fosse criado no processo produtivo da segunda safra e evitou que o capital se desvalorizasse ou se desvalorizasse mais.²⁶

23 Rosdolsky observa, citando Marx, que “[...] ‘a velocidade da circulação faz as vezes do volume do capital’”, pois se um capital de valor x “realiza quatro giros no ano e em cada um deles proporciona um lucro de 5%, isso (abstraindo-se a acumulação possível) é o mesmo ‘que se um capital quatro vezes maior [...] realiza com a mesma taxa percentual [5%, digo eu] um só giro em um ano’”, gerando igualmente em cada caso o lucro anual de 20% (Ibidem, p. 281).

24 Ibidem, p. 281 e 282.

25 Desconsiderando a possibilidade de financiamento ou outras condições exteriores ao capital.

26 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 282.

No primeiro caso, de nada adianta uma maior velocidade na circulação do capital para viabilizar a segunda safra no mesmo ano, ou, em outras palavras, para viabilizar a criação de novo valor. Na verdade, o capital realizado na circulação, não sendo aplicado no processo produtivo, ou não sendo aplicado de imediato, sofreu foi uma desvalorização. No segundo caso, ainda que as condições reais de produção sejam favoráveis à segunda safra, a menor velocidade na circulação econômica do capital inviabiliza o processo produtivo no tempo adequado, perdendo o capital a oportunidade de se valorizar novamente e mais rapidamente. Já na terceira hipótese, o novo valor a ser criado a partir do tempo de mais-trabalho apropriado pelo capitalista, que ocorre na esfera da produção, como vimos, não teve sua magnitude aumentada em vista da velocidade da circulação do capital; apenas proporcionou que não ocorresse uma desvalorização maior desse capital.

Portanto, arremata o nosso autor ucraniano, “**o tempo de circulação do capital é tempo de sua desvalorização**; abreviando-se o primeiro, abrevia-se também o segundo” (grifo nosso). Assim, não se pode concluir que reduzindo-se o tempo de circulação tenha-se aumentado a valorização do capital. “**Sua desvalorização é que diminuiu**” (grifo nosso).²⁷

Atenção para o conceito “desvalorização do capital” em Marx. Embora já tenhamos tratado disso alhures²⁸, em vista da fundamental importância para a compreensão do exposto neste texto, replicamos o que o nosso alemão diz sobre o fato: “Assim como o grão, lançado na terra como semente, perde seu valor de uso direto, se desvaloriza como valor de uso direto” – perde e tem desvalorizada sua utilidade direta como alimento –, “*o capital se desvaloriza desde o fim do processo produtivo até sua reconversão em dinheiro e, a partir deste, novamente, em capital*” (grifo do autor).²⁹ Posta assim a “desvalorização” como algo inerente ao capital, prosseguimos.

Já sabemos que a busca pelo ponto máximo de valorização do capital é a tendência que o impulsiona. Considerando a esfera da produção, o capital deseja elevar ao máximo o controle do tempo total de trabalho, de modo que o trabalho necessário (trabalho pago) constituísse uma parte a menor possível e o mais-trabalho (trabalho não pago) a maior possível. No outro extremo, aponta o autor d’*O capital*, “se o tempo de mais-trabalho ou o tempo de trabalho necessário fossem [sic] iguais a zero, isto é, se o tempo de trabalho necessário absorvesse todo o tempo ou se a produção pudesse efetuar-se sem trabalho algum, não existiria nem valor, nem capital, nem criação de valor”. Do lado da circulação econômica do capital, continua ele, “se o tempo de circulação do capital fosse reduzido a zero [...], também estaríamos diante das condições mais extremas de repetição do processo produtivo, ou seja, da maior quantidade de processos de valorização do capital em um período determinado de tempo”. Partindo dessas

²⁷ Ibidem, p. 282.

²⁸ Conforme, por exemplo, o [Capítulo 21](#) do Folheto nº 10.

²⁹ ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 562 Nota 24.

considerações, fica claro para Marx que o tempo de circulação, considerado sob o ponto de vista absoluto, é uma subtração da valorização máxima [...].³⁰

Assim sendo, para Karl Marx “é impossível” que uma qualquer redução no tempo de circulação do capital “possa criar uma valorização maior que aquela criada na fase da produção”. Como é na fase de produção que o capital emprega trabalho produtivo (mais-trabalho ou trabalho não pago) para valorizar-se, “só de maneira negativa”, prescreve Roman Rosdolsky ancorado no Livro II, “o tempo de circulação pode influir na criação de valor e na valorização do capital, pois em virtude de sua aceleração ou retardamento se abrevia ou se prolonga o tempo durante o qual o capital não pode empregar nenhum trabalho produtivo para valorizar-se”. Se diminui o tempo de circulação do capital, aumenta a possibilidade de se empregar mais trabalho produtivo num espaço de tempo menor. Se aumenta o tempo de circulação, aumenta o tempo para que o capital empregue trabalho produtivo e se valorize. Sob esse prisma, crava Marx, “o tempo de circulação não acrescenta nada ao valor [...], não é um tempo que cria valor, como é o tempo de trabalho”.³¹ O tempo de circulação cessa temporariamente “o tempo durante o qual o capital pode apropriar-se de tempo de trabalho alheio”; e isso significa uma desvalorização relativa do capital. O tempo de circulação, assegura Marx, “é a supressão, a negação do tempo de trabalho alheio”, revelando-se “como uma barreira à produtividade do capital e como uma subtração do tempo de mais-trabalho e de mais-valia”, este sim criador de valor.³² Na esfera da circulação econômica, portanto, ou o capital se desvaloriza mais ou se desvaloriza menos.³³

Finalizando, Roman Rosdolsky faz uma observação no sentido de que o dito no capítulo também pode ser aplicado ao dinheiro e à sua circulação. Lê-se nos

30 Idem, p. 282. Taí um gancho para o leitor refletir sobre o propalado “fim do trabalho” ou da “centralidade do trabalho” como uma das características marcantes da chamada quarta fase do modo de produção capitalista, o “capitalismo cognitivo”. Faz sentido tal propositura?

31 Ibidem, p. 282 e 283. E os custos da circulação econômica? E os custos da transformação do capital em dinheiro e deste novamente em capital, qual sua natureza? A resposta Rosdolsky vai buscar no Livro II d’ *O capital*: “a lei geral é que *todos os custos de circulação que têm origem na mudança de forma da mercadoria* [transformação em dinheiro, por exemplo, digo eu] *não agregam a ela nenhum valor*. São apenas gastos para realizar o valor ou para convertê-lo de uma forma a outra”. São “*faux frais*”, falsos custos da produção capitalista. Ocorrem às custas do mais-produto ou da mais-valia. Constituem “uma dedução da mais-valia ou do mais-produto, exatamente da mesma maneira como, para um trabalhador, o tempo de que necessita para comprar seus meios de subsistência [o tempo de trabalho necessário, digo eu] é tempo perdido” (Ibidem, p. 283). Para Marx, são custos da divisão natural do trabalho baseada “na propriedade privada” (Ibidem, p. 562 Nota 31). “Esses custos são condição necessária para a produção do capital”. O tempo que o capitalista gasta para viabilizar a circulação econômica, como nas operações financeiras, não se confunde com tempo de trabalho produtivo, produtor de valor e de mais-valia. Afinal, o detentor do capital “só é capitalista [...] enquanto se relaciona com o trabalho como trabalho alheio e se apropria de tempo de trabalho alheio”. Decorre dessa lógica a interessante interpretação de Marx para a expressão “tempo é dinheiro”: do ponto de vista do capital, diz ele, “isso só vale para o tempo de trabalho alheio, que no sentido mais estrito da frase é *money* do capital” (Ibidem, p. 284).

32 Ibidem, p. 284 e 285.

33 O autor de *Gênese* ainda inclui mais um quesito no assunto: a *taxa geral de lucro* (taxa média de lucro entre os setores da economia) “*não compensa as diferenças na valorização dos diversos capitais* – assim como a diferença entre tempo de produção e tempo de trabalho”, derivados de distintos tempos de circulação. Muito resumidamente, pois trataremos da categoria lucro apenas no próximo folheto, isso se explica pelo fato de que, segundo Marx, para haver compensação da perda de um dos capitais (que se desvalorizou mais que os demais, pois o seu tempo de circulação foi maior) com vistas a continuar usufruindo da mesma taxa de lucro, seria

Grundrisse que o próprio dinheiro “– na medida em que é feito de metais preciosos, ou no que se refere à sua produção em geral, como por exemplo na circulação de papel-moeda – demanda gastos, consome tempo de trabalho, mas não agrega nenhum valor aos objetos intercambiados, aos valores de troca. Seus custos são uma subtração desses valores [e, portanto, reduz a mais-valia, digo eu], uma subtração que precisa ser bancada, em partes alíquotas pelos [capitalistas, digo eu] participantes do intercâmbio”. Assim, “é parte dos custos de circulação [econômica, digo eu], na medida em que ele mesmo é tempo de trabalho empregado, de um lado, para abreviar o tempo de circulação [e assim liberar tempo para a produção de produtos, digo eu ancorado no próprio Marx], e de outro para representar um elemento qualitativo da circulação, a reconversão do capital em si em valor para si”. Uma coisa é certa, “[...] o dinheiro não aumenta o valor”. Desse modo, “O capital, portanto, se esforça para abolir o dinheiro em sua realidade tradicional, herdada, palpável, para transformá-lo em algo puramente ideal, criado e ao mesmo tempo suprimido pelo capital”.

B) A rotação do capital e o tempo de rotação. A continuidade da produção capitalista e a divisão do capital em partes (Capítulo 23)³⁴

Roman Rosdolsky destacou diversas vezes que o circuito ou trajetória do capital é formado pela **esfera da produção** – onde se dá o **tempo de trabalho** – e pela **esfera da circulação** – onde se insere o **tempo de circulação**. Estas duas esferas, Marx ensina, “constituem as duas grandes seções do movimento do capital, que é a totalidade desses dois processos [ou esferas, digo eu]”. Elas constituem a **totalidade do movimento do capital**. Por assim ser, escreve Karl Marx, “O conjunto do movimento [do capital, digo eu] aparece como **unidade de tempo de trabalho e de tempo de circulação**, como **unidade de produção e circulação**. Esta unidade é movimento, processo”. Assim, “O capital se apresenta como esta **unidade em processo** – de produção e circulação –, que pode ser considerada como o conjunto do processo de produção do capital e também [...] como o fecho de um movimento que retorna a si mesmo” (grifo nosso).³⁵ Vejamos.

Rosdolsky, lançando mão do Livro II de *O capital*, explica que o circuito do capital, desde o adiantamento pelo capitalista do valor do capital (capital original) até seu retorno valorizado (mais-produto ou mais-valia), “pode ser considerado a partir de dois pontos de vista: ou como um **processo isolado, completo em si mesmo**, ou como um **ciclo periódico, em contante repetição**” (grifo nosso). No capítulo de *Gênese*, ora em

necessário que seus produtos apresentassem, proporcionalmente, “um valor de troca maior que o dos demais capitais”. Porém, “de fato, isso só poderia ocorrer se a perda se repartisse entre os demais capitais” (Ibidem, p. 285).

34 O conteúdo do Capítulo 23 de *Gênese* corresponde ao item “O circuito do capital” da *Segunda seção: O processo de circulação do capital, Capítulo do capital*, dos manuscritos *Grundrisse*, de acordo com a edição de 2011 publicada pela Editora Boitempo (in MARX, Karl Heinrich. Op. cit., Sumário).

Contudo, na explanação do capítulo, Rosdolsky não se limita aos *Grundrisse*, recorrendo às vezes à obra posterior, *O capital*. Quando tal fato ocorrer faremos a devida menção.

35 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 289 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

comento, Rosdolsky foca no segundo ponto de vista, e o mais importante para a análise do capital, visto ser este uma unidade em movimento.

Para que se possa visualizar, anota Roman citando Marx, como o “capital industrial”, no caso, “se apresenta ‘simultaneamente, embora em quantidade mutante, sob as formas de capital produtivo, capital-dinheiro e capital-mercadoria³⁶, e que essas formas ‘não só se alternam, mas também as diversas partes do valor global do capital estão sempre nesses estados, lado a lado, e atuam neles’”, é preciso encarar “o ciclo do capital não como um capítulo separado, mas como a totalidade do movimento do valor do capital em processo”.

O **ciclo do capital definido como ato periódico**, conforme nosso autor ucraniano replica do Livro II, “**é sua rotação³⁷**” (grifo nosso); rotação esta “cuja duração é dada pela soma do **tempo de produção** e do **tempo de circulação**” (grifo nosso). Tal somatório constitui e expressa o “**tempo de rotação do capital**” (grifo nosso), que, por sua vez, “mede o intervalo entre dois períodos cíclicos de valorização do capital total, a periodicidade do processo vital do capital, ou, se preferir, o **tempo de renovação, de repetição do processo de valorização ou de produção experimentado pelo mesmo capital**” (grifo nosso). Dessa maneira, tanto o tempo de produção quanto o tempo de circulação “podem alterar a duração da rotação”.³⁸

36 O *capital-dinheiro* é a forma em que se transforma o dinheiro quando aplicado produtivamente. O *capital-produtivo* é constituído da mão de obra para fazer a fábrica funcionar, da matéria-prima, a exemplo de couro, pregos, cola etc., e da energia necessária para viabilizar a confecção do produto final, sapatos, por exemplo; bem como dos equipamentos (máquinas, prédio etc.) que a mão de obra utilizará ou fará uso para transformar a matéria-prima. Já o *capital-mercadoria* é o produto ou mercadoria final: em nosso exemplo, os sapatos (*in* DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWEwNTY1/view?hl=pt_PT. Consultado em 31.05.2020).

37 Do latim *rotatĭo*, rotação é a ação e o efeito de rotar/rodar, dar voltas em torno de um eixo. A rotação do capital, por sua vez, é o movimento que o capital desenvolve ao renovar-se, continuamente, em um tempo específico, no vir a ser da dinâmica econômica. Todo capital efetua seu ciclo ininterruptamente, repetindo-o constantemente. E, ao fazê-lo, realiza sua rotação: o capital-dinheiro, como capital original, se transforma em capital produtivo, o capital utilizado para adquirir meios de produção e força de trabalho, o qual se transmuta em capital-mercadoria, capital na forma de mercadoria acabada que vendida no mercado reconstitui o capital à forma dinheiro (agora valorizado), que novamente se se transforma em capital produtivo e assim sucessivamente.

38 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 290. Da importância da rotação do capital no processo de circulação da economia capitalista, Roman exporá no capítulo vinte e quatro que trata dos capitais fixos e circulantes, sobre o qual abordaremos em seguida, e, mais detalhadamente, quando versar acerca da taxa média de lucro, o que fará no Capítulo 25, objeto do nosso próximo fascículo, o Folheto nº 12.

Ainda na página em referência, o autor, reportando-se mais uma vez ao Livro II, menciona duas circunstâncias específicas em relação ao tempo de produção: a primeira consiste no fato de que “a fabricação de diversos produtos impõe diferenças na duração do trabalho”. No caso, pode ser que um produto esteja terminado em uma semana e outro necessite de vários meses, por exemplo. Muito embora o *tempo* de trabalho possa ser o mesmo na fabricação dos dois produtos, há uma diferença nos *períodos* de trabalho exigidos na produção de ambos, o que também “pode gerar uma diferença nos períodos de rotação dos respectivos capitais”.

Observe que surge aí dois conceitos distintos: *tempo de trabalho* e *período de trabalho*. O “tempo de trabalho” diz respeito à “extensão da jornada de trabalho”, durante a qual o trabalhador gasta diariamente sua força de trabalho. O “período de trabalho”, por sua vez, “significa o número de jornadas conexas requeridas por um setor produtivo determinado para fornecer determinado [sic] produto. O produto de cada jornada de trabalho é aqui apenas um produto parcial que se segue executando dia a dia, e que só fica pronto, só é um valor de uso completo, no final de um período mais ou menos prolongado de tempo de trabalho” (Idem, p. 563 Nota 7).

A segunda circunstância refere-se às “diversas formas materiais nas quais o capital produtivo existe e a consequente divisão do capital em *fixo* e *circulante*, em virtude da qual a rotação do capital fica submetida a

Apesar de o tempo de produção afetar os períodos de rotação do capital, Roman Rosdolsky vê na fase de circulação a etapa “que determina as diferenças mais importantes nos períodos de rotação” (grifo nosso). De acordo com Marx, quanto mais rápida a circulação, quanto mais abreviado o tempo de circulação, “o mesmo capital pode repetir mais vezes o processo de produção”.³⁹

Nessa linha, Karl Marx dispõe, ainda, que “em um ciclo determinado de rotações do capital, *a soma dos valores criados por ele* (e, é claro, também de mais valia [...]) *varia na razão direta do tempo de trabalho e na razão inversa do tempo de circulação* [...] [pois como vimos no item A supra, enquanto o tempo de trabalho cria valor, valoriza o capital, o tempo de circulação não cria valor mas desvaloriza o capital, digo eu]. O valor total é igual ao tempo de trabalho multiplicado pela quantidade de rotações do capital” (grifo do autor). Desse modo, continua o filósofo alemão, “o valor criado pelo capital já não está determinado simplesmente pelo trabalho usado no processo de produção, mas também pelo coeficiente do processo de produção, ou seja, o número que expressa quantas vezes ele se repetiu em um dado período [a quantidade de rotações em um determinado período, digo eu]”.

Ainda que se considere capitais da mesma magnitude, de igual “composição orgânica e igual taxa de mais-valia, a duração do período de rotação pode ser muito diferente”, deduz Rosdolsky. Como se lê nos *Grundrisse*, conforme Roman, o tempo de circulação, como um dos elementos do tempo de rotação do capital, juntamente com o tempo de trabalho (que transcorre na esfera da produção), é “ele mesmo um elemento da produção, ou melhor, se apresenta [também, digo eu] como **limite da produção**” (grifo nosso).

Para o capitalista não há outra melhor maneira de assegurar a continuidade da produção que se eliminar o tempo de circulação. “Mas isso não é possível”, sentencia o autor ucraniano, pois, conforme Marx, “o capital, por sua natureza, percorre as diversas fases da circulação, e isso não se passa no terreno das ideias [...]; [‘esse percurso’, intervém Roman] envolve situações que estão separadas no tempo. [‘O capital’, intervém novamente o autor de *Gênese*] tem de passar um período como larva antes de poder voar como mariposa”. Portanto, prossegue o nosso alemão, “as condições da produção do capital, decorrentes de sua própria natureza, se contradizem”. Desconsiderando o crédito, na prática, essas condições “só encontram uma mediação porque o *capital se divide em partes* [uma parte fixa e outra circulante, digo eu]; *uma delas circula como produto acabado e a outra se reproduz no processo de produção*, e ambas se alternam; se uma retorna ao processo de produção, a outra abandona essa fase. Esse processo ocorre no cotidiano e também em intervalos maiores [...]”.

Portanto, só ocorre a reprodução do capital total e do valor total porque o capital se divide, mas isso não basta. Em vista de que o capital não pode estar

modificações consideráveis” (Ibidem, p. 290).

39 Ibidem, p. 291 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

simultaneamente na fase de produção e na de circulação, se continua produzindo enquanto circula, só ocorre a reprodução do capital total e do valor total “quando suas partes terminam de passar pelo processo de produção e o processo de circulação ou, o que é o mesmo, logo que a segunda parte entra de novo na circulação”. Portanto, “o ponto de partida [a produção, digo eu] é o ponto de chegada”. Dessa lógica Karl Marx extrai que a rotação depende “da soma total dessas duas partes [a parte **fixa** e **circulante do capital**, digo eu]. A rotação só está consumada quando essa soma acaba de reproduzir-se [...]” – isto é, quando a parte fixa toma a forma de circulante e a parte circulante assume novamente a forma fixa.⁴⁰

A divisão do capital em capital fixo e circulante permite que ele não interrompa o processo de produção enquanto decorre o tempo da circulação, ficando mantida a continuidade do ciclo. Não fosse assim, assinala Rosdolsky, “o capital teria de atuar, com toda a magnitude de seu valor, primeiro como capital-dinheiro, depois como capital produtivo e finalmente como capital-mercadoria”. A produção, neste caso, seria realizada “de modo intermitente e só se repetiria depois de períodos de duração aleatória, que dependem de as duas fases do processo de circulação serem percorridas com maior ou menor rapidez”, esclarece o autor d’*O capital*.⁴¹

Não obstante os efeitos positivos e fundamentais da divisão do capital em partes, ela “não pode impedir que em toda empresa capitalista partes do capital estejam constantemente inativas e, portanto, não possam se valorizar”, a exemplo do capital na forma de reservas de matérias-primas, na forma de dinheiro aplicado em operações financeiras, na de mercadoria ainda não vendida e na forma de dívidas ativas ainda não vencidas etc. Daí decorre a tendência necessária do capital, observa Roman Rosdolsky, “de abreviar o tempo de circulação” ou de buscar, já apontava Marx duzentos anos atrás, uma “circulação sem tempo de circulação”, através do “aperfeiçoamento das comunicações, o desenvolvimento do sistema de crédito etc.”,⁴² finaliza Rosdolsky.⁴³

Como o tempo de rotação do capital abarca o tempo de trabalho e também o tempo de circulação, é comum se atribuir a este último “o que, de fato, decorre do primeiro”: a valorização do capital, detecta Rosdolsky. Karl Marx anota: imagina-se uma “fonte mística de autovalorização do capital, independente do processo de produção e portanto da exploração do trabalho; essa fonte brotaria na esfera da circulação”. E nisso, muitas vezes, arremata Roman Rosdolsky, se baseiam “as ilusões dos capitalistas

40 Ibidem, p. 291 e 292. Da divisão do capital em fixo e circulante trataremos no tópico seguinte, como já dito.

41 Ibidem, p. 292. Esse trecho do parágrafo em Nota foi extraído por Roman Rosdolsky também do Livro II (Ibidem, p. 564 Nota 22).

42 A exemplo do que presenciamos nos dias de hoje com a disseminação do *e-commerce* (comércio eletrônico).

43 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 292 c/c p. 563 Nota 23. Além das formas citadas em *Gênese*, aplica-se também à situação descrita no parágrafo em Nota o capital portador de juros (aquele capital que busca sua valorização na forma de juros advindos de empréstimos) e o capital fictício (aquele capital que busca sua valorização fora da esfera da produção, na forma de juros de aplicações financeiras, dividendos, etc.). Sobre esses dois tipos de capitais, veja o artigo **O capital fictício: revisitando uma controvérsia** (in PALUDETTO, Alex Wilhans Antonio e ROSSI, Pedro. Instituto de Economia da Unicamp-SP, 2018. Disponível em <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3659/TD347.pdf>. Consultado em 07.07.2023).

e da economia burguesa, que sistematiza o seu modo de pensar”.

Agindo assim, retira-se da análise o foco na verdadeira fonte de criação do valor (capital) e, por conseguinte, da valorização do valor (mais-valia), a razão de ser do próprio capital: a relação entre o trabalho assalariado e o capital, a produção do capital por meio da apropriação do valor do trabalho (exploração do trabalho).⁴⁴

C) As determinações formais do capital fixo e do capital circulante (Capítulo 24)⁴⁵

O nosso pensador ucraniano Roman Rosdolsky começa o tópico vinte e quatro recapitulando que “o principal interesse do capital no processo de produção é a valorização”, para em seguida acrescentar que “esta [sua própria valorização, digo eu] depende da relação que se estabelece entre trabalho objetivado e trabalho vivo”. Recorda ainda que por conta do trabalho vivo, e somente por causa dele, “o valor do capital não só pode conservar-se, mas também aumentar”. Por isso, a análise de Marx, diz Rosdolsky, “convergiu”, quando se trata do processo de valorização do capital, “para a relação, decisiva no processo de valorização, entre capital constante e capital variável”.⁴⁶

44 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 293.

45 Vale para o Capítulo 24 de *Gênese* o que dissemos na [Nota 34].

46 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 295 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte). Apesar de as categorias *trabalho objetivado* e *trabalho vivo*, bem assim *capital constante* e *capital variável*, permearem o conteúdo de quase todos os folhetos publicados até o momento, apresentamos uma breve definição de trabalho objetivado e trabalho vivo: Começamos pelo trabalho objetivado: “O trabalho é uma atividade processual de objetivação. Logo, pode-se afirmar que é um processo de objetivação em que há transformação. Nele, *alguma coisa é transformada em outra coisa e, no final do processo, o trabalho aparece objetivado*. Ou seja, aquilo que era potência se objetiva. Com efeito, ‘o trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado’. Aquilo que aparecia como movimento, como processo, se manifesta ‘como qualidade imóvel, na forma do ser’ [o produto (mercadoria/serviço) final do trabalho realizado, digo eu]. Mas ‘há uma diferença entre o produto do trabalho e o processo de trabalho. No produto o processo está extinto. Isso não significa que o trabalho tenha desaparecido. Ele se objetivou. No processo de trabalho, por meio da objetivação, o ser humano atua e transforma uma ideiação prévia’. O importante, para Marx, porém, não é o resultado da objetivação *per se*. O centro do trabalho é o processo de objetivação” (grifo nosso) (in PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248&%3A~%3Atext=Logo%2C%20pode-se%20afirmar%20que%2Cse%20incorporou%20a%20seu%20objeto. Consultado em 07.12.2020). Sobre o *trabalho vivo* vamos ao que dispõe Karl Marx na obra *Contribuição [ou Para a] à crítica da economia política* (1859), na interpretação de Eric Hamraoui. Nela, Marx “define o trabalho como ‘atividade útil para a apropriação das matérias naturais sob uma ou outra forma’”, sendo “definível ao mesmo tempo como ‘condição natural da existência do homem’ e ‘condição das trocas orgânicas entre o homem e a natureza’. Esse processo de apropriação dos objetos exteriores para a satisfação das necessidades do homem – ou seja, de produção dos *valores de uso* que contribuem para a manutenção e o crescimento da vida – em que consiste o ‘trabalho vivo’ constitui, segundo Marx, ‘uma necessidade física da vida humana’”. Ou seja, trabalho vivo é o trabalho que produz bens para a satisfação das necessidades humanas, para o consumo direto – é o trabalho que produz valores de uso. “O trabalho vivo preserva assim um ‘contato natural com os elementos materiais (as matérias-primas e os instrumentos da produção) de sua existência’ que ele transforma em elementos constitutivos de sua própria dinâmica: ‘enquanto ele é útil, [...] é atividade produtiva; o trabalho, por seu simples contato com os meios de produção, ressuscita-os de dentre os mortos, faz deles os fatores de seu próprio movimento’” (grifo nosso) (in HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006. Consultado em 07.12.2020). O trabalho vivo em Marx é representado pelo *capital variável*, sendo que este “representa o *valor da força de trabalho*, a qual, como já referido, cria, no processo produtivo, uma quantidade de valor superior ao seu próprio valor, pelo que, o capital variável é trabalho vivo, porque *varia* durante esse processo produtivo, levando a que o capital total se valorize através da criação de mais-valia” (grifo nosso). Ensina Marx: “A parte do capital convertida em força de trabalho

Entretanto, o nosso autor ucraniano frisa que a valorização do capital, que se dá na esfera da produção, como visto, é tão somente “uma etapa do circuito do capital”. Como **unidade (totalidade)**, “a produção capitalista exige uma **alternância** constante entre **fases de produção e de circulação**” (grifo nosso). São exatamente essas fases que formam tal unidade. “Esta unidade”, diz Marx, “é movimento, processo”. Sendo, o capital, “**valor** que domina as diversas fases, **preservando-se e multiplicando-se**” (grifo nosso) é ele o **sujeito** desse movimento.

Karl Marx avança em seu raciocínio. Na medida em que o capital “é valor em processo, valor que se transforma mas que é [ao mesmo tempo, digo eu] capital em cada momento”, é assim “**capital circulante**” (grifo em itálico do autor e grifo nosso em negrito). É capital em cada momento e em cada momento “circula de uma forma a outra”. Sendo assim, “**originalmente todo capital é capital circulante**, é produto da circulação e ao mesmo tempo a produz” (grifo nosso). Nesse sentido, “o capital circulante não é inicialmente uma forma especial do capital, **é o próprio capital** [...] na condição de sujeito do movimento descrito, movimento que é o próprio capital em processo de valorização”.⁴⁷

Embora, conforme anotado acima, o capital como totalidade, e originalmente, seja capital circulante, “em transição de uma fase a outra”, ensina Marx, o capital “apresenta em cada fase um aspecto específico, típico de uma forma específica, que é sua negação como sujeito de todo o movimento”. Este aspecto típico de uma forma específica é o “[...] Capital não circulante”, **capital fixo**. “[Capital, digo eu] *fixado* em um dos diversos aspectos específicos, ou fases, que precisa percorrer” (grifo do autor).⁴⁸

Enquanto o capital “permanece no processo de produção, não é capaz de circular e está virtualmente desvalorizado [no sentido de que deixou de ser capital-dinheiro e se tornou capital-produtivo, digo eu]”. Enquanto o capital “permanece na circulação [transformando-se em capital-dinheiro, digo eu], não está em condições de

em contraposição muda o seu valor no processo de produção. Ela reproduz seu próprio equivalente e, além disso, produz um excedente, uma mais-valia que ela mesma pode variar, ser maior ou menor. Essa parte do capital transforma-se continuamente de grandeza constante em grandeza variável. Eu chamo-a, por isso, parte variável do capital, ou mais concisamente: capital variável” (in DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>, p. 20. Consultado em 07.12.2020). Embora não citado no parágrafo em Nota, ainda com o apoio de Donário e Santos, oportuno discorrermos um pouco sobre outro tipo de trabalho da análise marxiana: o *trabalho morto*. O denominado “trabalho morto” é representado pelo “**capital constante**, cristalizado e acumulado nos [objetos, digo eu] meios e instrumentos de produção, nomeadamente, nas matérias-primas e nas amortizações do capital fixo. Este capital, que constitui o trabalho cristalizado nas mercadorias em processos produtivos passados, é utilizado no processo produtivo actual [sic], apenas transmite o seu valor às novas mercadorias, mas não cria novo valor”. Diz Marx: “A parte do capital que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção”. A essa parte do capital, parcela que representa o trabalho morto, Marx o chama de “a parte constante do capital, ou mais concisamente: capital constante” (Idem, p. 20. Consultado em 07.12.2020). Já para uma revisão um pouco mais detalhada dessas duas categorias e também dos conceitos de capital constante e capital variável, recomendamos o nosso [Folheto nº 07](#).

47 Ibidem, p. 295 e 296. “[...] em geral, todo o **valor** do capital está em circulação permanente e, por isso, nesse sentido, todo capital é capital circulante” (grifo nosso), trecho tomado por Rosdolsky do Livro II d’*O capital* (Ibidem, p. 565 Nota 5).

48 Ibidem, p. 296 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

produzir, de criar mais-valia, não está engajado como capital”, como capital propriamente dito, como capital que busca sua autovalorização continuamente. “Enquanto não possa ser conduzido ao mercado, está fixado como produto; enquanto permanece no mercado, está fixado como mercadoria [...]”. “Como sujeito que percorre todas as fases, como unidade em movimento, em processo de produção e de circulação, o capital é capital circulante; confinado em qualquer uma dessas fases, aprisionado em suas separações, é capital fixado, capital comprometido”.

Dialeticamente, então, é possível afirmar em relação ao capital, e Marx afirma, que “Como capital circulante, se fixa; como capital fixo, circula”. Sabendo agora a diferença entre capital circulante e capital fixo, vê-se que essa distinção “expressa o fato de que o capital existe sob ambas as determinações, primeiro como unidade do processo [como unidade de produção e circulação, digo eu ancorado em Marx] e em seguida como fase específica deste [expressando a diferença entre as fases de produção e de circulação, na forma de capital fixo e de capital circulante, digo eu novamente]”. Enquanto uma parte do mesmo capital, em algum momento, se imobiliza (se torna capital fixo), a outra circula⁴⁹. Conforme esclarece Rosdolsky, reproduzindo Marx, “Aqui não se trata ainda de ‘dois tipos especiais’ de capital, mas de ‘*diferentes determinações formais do mesmo capital*’”⁵⁰.

Quando estamos diante do processo de circulação propriamente dito, “ou seja, [quando encaramos, digo eu] o movimento do capital fora da fase de produção”, pondera Roman Rosdolsky, “a distinção entre capital ‘fixo’ e ‘circulante’ torna-se insuficiente”. Ali, o que interessa é a distinção entre capital constante e capital variável. Os “meios de trabalho (a máquina etc.) nunca abandonam o lugar da produção; permanecem ‘fixados’ nesse lugar; só seu valor circula [e o faz, desta feita, na forma de capital constante, digo eu], ao transferir-se sucessivamente, e por partes, ao produto. Os demais meios de produção (matérias-primas e auxiliares) [também na forma de capital constante, digo eu], assim como o capital variável adiantado na compra de força de trabalho, circulam de modo muito diferente”, incorporam-se ao produto final e circulam com ele. Por conta desse diferente modo de circulação, voltando às formas fixa e circulante do capital, os meios de trabalho assumem “a forma de capital ‘fixo’”, enquanto as matérias-primas

49 Uma importante observação: considerando a determinação do capital como circulante, em processo, quando Marx afirma que uma parte do capital circula, ele não está se referindo ao capital “na fase da circulação propriamente dita [na fase da transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro, digo eu]”, fase esta contraposta à fase da produção, as quais estudamos nos itens A e B supra, mas sim ao fato de que, “esteja na fase em que estiver, essa fase [da produção ou da circulação propriamente dita, digo eu] é fluida, é uma fase em processo, em transição para a seguinte [da produção para a circulação e desta para a produção, e assim sucessivamente, digo eu]; em nenhuma delas o capital está atolado e paralisado” (Ibidem, p. 296).

50 O autor dos *Grundrisse* enfatiza a importância de se compreender as determinações de capital circulante e de capital fixo “como *determinações formais* do capital em geral, sob pena de [‘se tornarem’, intervém Rosdolsky] incompreensíveis muitos fenômenos da economia burguesa: os períodos do ciclo econômico [...]; o efeito de uma nova demanda [...]” ou de “um mercador recém-aberto” (grifo do autor). Essas situações de estímulos econômicos não empurraria o capital para uma maior produção se não “estivesse inscrito na natureza do capital que ele nunca está totalmente empregado, isto é, está sempre *parcialmente fixado*, desvalorizado, improdutivo [...]” (grifo do autor) (Ibidem, p. 297).

e auxiliares, “assumem a de capital ‘circulante’ ou ‘fluido’”.⁵¹

Reportando-nos ao que foi dito, Marx nos mostra que, até aqui, “o capital fixo e o circulante apresentavam-se apenas como diferentes determinações transitórias do capital”, o mesmo capital apresentava-se em formas diversas nas diferentes fases de sua rotação. Agora, os capitais fixos e circulantes se caracterizam como tipos especiais ou particulares de capitais⁵², um (meios de trabalho) nunca circula, fica sempre imobilizado, enquanto o outro circula, inclusive na forma de meios de produção, como as matérias-primas e auxiliares (porquanto incorporados ao produto final). O que circula, como visto, são seus valores (constantes ou variáveis).⁵³

Repare que, em Karl Marx, capital constante e capital variável, de um lado, e capital fixo e capital circulante, do outro, não são expressões sinônimas, expressam conceitos distintos. Os capitais constante e variável, ao contrário dos capitais fixo e circulante, não dizem respeito ao fato de o capital circular ou permanecer fixado; dizem respeito ao valor dos seus componentes (meios de trabalho, material de trabalho (ambos meios de produção) e força de trabalho ou trabalho vivo) e à forma como esse valor se aloca no produto. Em conformidade com Rosdolsky, esses capitais diferenciam entre si pela circunstância de que uns, correspondentes ao capital aplicado na aquisição dos meios de produção, são valores “constantes”, enquanto outros, “o capital adiantado para compra da força de trabalho”, são “variáveis”.

Os valores constantes correspondem à parte constante do capital, que “se **transfere completamente**, em cada ocasião, **ao valor do produto**, e por isso deve ser substituída completamente a partir dele [do valor do produto, digo eu]” (grifo nosso), afirma Rosdolsky.⁵⁴ Com bem assenta o nosso filósofo prussiano-alemão, os valores da parte constante do capital apenas **reaparecem** no valor do produto final, não podem aumentar seu valor ou agregar a ele uma mais-valia. “Não podem agregar ao produto mais valor do que seus componentes possuem”.⁵⁵ Os valores não constantes referem-se à parte variável do capital, à parte do capital adiantado para a compra da força de trabalho, criadora de valor e de mais-valia. O capital variável, este sim, agrega ao produto **mais valor** do que seus componentes possuem, portanto é capital que **cria mais-valia**.

Na continuidade da análise de Rosdolsky acerca das determinações formais do capital circulante e do capital fixo, apesar de ser um assunto analisado exclusivamente

51 Ibidem, p. 297 e 298.

52 Particularização, pontua Marx, segundo Rosdolsky, que “se relaciona com o valor de uso específico das partes componentes do capital”; valor de uso que surge aqui “como determinante da forma e da ação do capital, conferindo a um capital uma qualidade particular em relação a outro, particularizando-o” (Ibidem, p. 298).

53 Ibidem, p. 298 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

54 Ibidem, p. 299.

55 Ibidem, p. 300. Um aspecto importante surge aqui: o papel do valor de uso no modo de produção capitalista. Conforme Marx assinala, “A natureza específica do valor de uso na qual o valor existe, que agora se apresenta como corpo do capital, aparece aqui como determinante da forma e da ação do capital, conferindo a um capital uma qualidade particular em relação a outro, particularizando-o”. Segundo Roman, “Isso define precisamente sua maneira de ceder valor ao produto, e portanto de realizar a rotação”. Nessa condição, citando Marx, Rosdolsky anuncia: “o valor de uso volta a revelar-se ‘como categoria econômica’” (Ibidem, p. 298). Desta configuração (determinação formal) do valor de uso tratamos no já referenciado Capítulo 03 do Folheto nº 02.

no Livro II d'*O capital*, vale a pena trazermos à tona, ainda que de passagem, o que Roman Rosdolsky expõe sobre o disposto no segundo volume da grande obra marxiana. Trata-se de saber os “motivos que levaram a economia burguesa a caracterizar os meios de subsistência do trabalhador [bens de consumo, digo eu] como capital ‘circulante’, em contraposição ao capital fixo” – ou, sintetizando, os **motivos da classificação de bens de subsistência do trabalhador como capital não fixo** –, bem assim de entender **a implicação dessa classificação para a luta de classes**. De partida, Roman, na sempre companhia de Marx, esclarece que tais motivos “devem ser buscados no caráter de classe” do pensamento burguês, “em sua reticência instintiva a penetrar muito profundamente no ‘segredo de criar lucros’”.⁵⁶

Ora, Karl Marx aduz, “Se, no lugar da força de trabalho [que cria/aumenta valor e mais-valia, digo eu], em que a parte variável do capital se converteu, colocam-se os meios de subsistência do trabalhador, esses meios, como tais, evidentemente não se diferenciam dos outros elementos do capital produtivo no que diz respeito à criação do valor [...]”, pois os meios de subsistência não criam nem aumentam o seu valor por si, tampouco agregam a ele uma mais-valia, tal qual os meios de produção. Repetimos: o valor dos meios de subsistências, como ocorre com os outros elementos do capital produtivo, só reaparecem no valor do produto, não agregam mais valor ao produto além do que eles mesmos possuem. Logo, ao considerar o valor gasto em meios de subsistência dos trabalhadores como capital variável, e não como capital constante, “fica soterrada” a determinação “de que a parte do capital investida em força de trabalho [o valor adiantado na compra da mercadoria força de trabalho, digo eu] pertence, no que se refere à rotação, à parte circulante do capital produtivo”.⁵⁷ Em suma, se assim for, como quer a economia burguesa, a autovalorização do capital sai da esfera da produção e vai para a esfera da circulação, onde não há que se falar em mais-trabalho, e, então, em extração de mais-valia, e, por consequência, na exploração do trabalho assalariado como algo inerente à natureza do modo capitalista de produção.

Passemos agora a outro aspecto que envolve os capitais alvos deste item C, que nos manuscritos *Grundrisse*, objeto da obra de Rosdolsky, segundo o autor de *Gênese*, surge muito mais rigorosamente elaborado: “a crescente importância do capital ‘fixo’ no modo de produção capitalista desenvolvido”.⁵⁸

Aqui se examina o **desenvolvimento dos meios de trabalho** e sua **conversão em maquinaria ou sistema de máquinas**. Historicamente, os meios de trabalho apropriados pelo capital e trazidos para dentro do processo de sua valorização “experimentaram uma mutação formal, pelo fato de não mais se apresentarem só como meios materiais de trabalho [tal qual as ferramentas agrícolas tradicionais,

⁵⁶ Ibidem, p. 300 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

⁵⁷ Aliás, Rosdolsky observa que nos *Grundrisse* os meios de subsistência dos trabalhadores ainda aparecem como parte do capital circulante, o que Marx corrige no Livro II, conforme se pode vê no parágrafo em Nota.

⁵⁸ É bom registrar que as passagens expostas nessa parte de *Gênese* foram consideradas de algum modo no conteúdo do [Capítulo 17](#) do Folheto nº 08. Por isso, vamos procurar destacar os pontos inéditos e aqueles em que Rosdolsky mais aprofunda.

o tear etc., digo eu], mas sim, ao mesmo tempo, como um modo particular de existência do capital, submetidos ao processo global deste último – como *capital fixo*” (grifo do autor). Mas esta mutação não ficou só no aspecto formal, prossegue Marx nos *Grundrisse*: cada vez mais inseridos no processo de produção do capital, “os meios de trabalho experimentam diversas metamorfoses, a última das quais é a máquina, ou melhor, o sistema automático de maquinaria”. Convertidos, “os meios de trabalho estão transformados – no que diz respeito ao seu valor de uso [utilidade, digo eu] – e adequados a uma existência como capital fixo e capital em geral”.⁵⁹

A forma que os meios de trabalho possuíam (na produção manufatureira, por exemplo), quando foram incorporados pelo processo de produção do capital, foi “superada” por outra forma “estabelecida pelo capital e a ele correspondente”. Com o advento do sistema automático de maquinaria (e só com ele) acontece, pela “primeira vez”, o enfrentamento material do trabalho objetivado (na maquinaria) com o trabalho vivo (o trabalho que transforma os meios de produção em produto final, em capital-mercadoria) “como poder que o domina e como subsunção ativa do segundo [trabalho vivo, digo eu] pelo primeiro [trabalho objetivado, digo eu novamente], não apenas pela apropriação do trabalho vivo, mas sim no próprio processo real de produção”.

Na maquinaria, o trabalho objetivado aparece como “acumulação do saber e da destreza”, como “acumulação de forças produtivas gerais do cérebro social”, e assim esta acumulação “é absorvida [...] pelo capital, em oposição ao trabalho, e se apresenta como atributo daquele [do capital, digo eu], mais precisamente do capital fixo, na medida em que este ingressa no processo produtivo como meio de produção peculiar”. Por essa razão, “o nível de desenvolvimento” já atingido pelo modo de produção capitalista se mensura “pelo capital fixo existente; não só por sua quantidade, mas também por sua qualidade”.⁶⁰

Ainda de acordo com os *Grundrisse*, também “o desenvolvimento do capital fixo pode servir de medida para o nível alcançado pela produção capitalista”, para o **nível alcançado pela produção destinada ao consumo**. Em vista de que o “objetivo da produção orientada diretamente para o valor de uso [como a produção pré-capitalista, digo eu]”, bem assim “da orientada diretamente para o valor de troca [como a capitalista, digo eu], é o produto destinado ao consumo”, sabe-se que a produção direcionada “para fabricar capital fixo não cria diretamente objetos destinados à fruição, nem tampouco valores de troca imediatos”, valores de troca “imediatamente realizáveis [transformáveis em dinheiro pela venda, digo eu novamente]”. Diante disso, somente “*quando já se atingiu um certo grau de produtividade, de modo que uma fração do tempo dedicado à produção é suficiente para garantir a produção imediata* [de bens de consumo, digo eu], só então é possível empregar uma parte crescente do tempo de produção para produzir meios de produção” (grifo do autor).⁶¹

59 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 301 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

60 Ibidem, p. 301 e 302.

61 Ibidem, p. 302.

Nesse cenário, “grande parte da riqueza já criada pode ser desviada tanto do desfrute imediato [bens de consumo, digo eu] como da produção destinada a esse desfrute [meios de produção, digo eu novamente], podendo ser empregada em um trabalho não diretamente produtivo [no sentido de não ser empregado em um processo de produção direta de bens de consumo nem de meios de trabalho, digo eu interpretando o que Marx anotou]”. “[...] O resultado do tempo empregado na produção imediata deve ser suficientemente grande, em termos relativos, para que não seja necessário usá-lo inteiramente para reproduzir o capital nesses mesmos setores da indústria”. Na hipótese, “Pode-se então destinar mais [‘recursos’, intervém Rosdolsky] para construir ferrovias, canais, redes de saneamento, comunicações etc., do que para ampliar a maquinaria que participa diretamente no processo imediato de produção”.⁶²

Marx continua: a orientação direta da produção do capital fixo, inclusive no seu aspecto material, não é mesmo “para a produção de valores de uso imediatos ou a produção de valores requeridos para a reprodução imediata do capital [valores que representam utilidade direta no processo de criação de valor, digo eu], mas sim para a produção de meios voltados para criar valor [...]”. Em função disso, “*na produção do capital fixo o capital se coloca como fim em si mesmo e se mostra ativo como capital, em uma potência mais elevada que na produção de capital circulante*” (grifo do autor). Por consequência, “também sob este aspecto, a dimensão que o capital fixo já possui e a magnitude relativa de sua produção na produção global indicam o grau de desenvolvimento da riqueza baseada no modo de produção do capital”.⁶³

Do exposto, Rosdolsky põe um questionamento: “Mas, qual o impacto deste desenvolvimento – ou seja, o constante aumento e a crescente importância dos valores confinados na forma de maquinarias – sobre o processo de circulação do capital?”. A resposta geral que Marx apresenta passa por dois quesitos distintos entre si: a “repetição do processo produtivo” e a “reprodução do próprio capital”. A **repetição do processo produtivo** diz respeito ao tempo em que o capital (fixo ou circulante) completa sua rotação e começa tudo de novo. A **reprodução do capital** refere-se ao tempo em que o capital (fixo ou circulante) é substituído como valor de uso. “Essa diferenciação”, informa o nosso alemão, “modifica profundamente o tempo de rotação do capital total, dividido em circulante e fixo”.

Vamos à resposta do autor dos *Grundrisse*: “No caso do capital circulante, a reprodução é determinada pelo tempo de circulação; no do capital fixo, a circulação é determinada pelo tempo em que este é consumido no ato de produção como valor de uso, em sua existência material, ou seja, pelo tempo necessário para reproduzir este capital fixo [pra renovar este capital fixo, digo eu]”. No caso do capital circulante, a reprodução é determinada pelo tempo necessário para que mude de forma (capital-dinheiro/capital produtivo/capital-mercadoria). No caso do capital fixo (meios de trabalho), a reprodução

62 Ibidem, p. 302.

63 Ibidem, p. 302 e 303.

é determinada pelo tempo necessário para que seja substituído (renovado).

Enfim, isto é tudo que assimilamos do exposto por Rosdolsky a partir do seu comentário da Segunda Seção: *Sobre o processo de circulação do capital* dos *Grundrisse*, manuscritos redigidos e organizados por Karl Marx em 1857/1858, onde o filósofo alemão registrou os resultados da investigação sobre os elementos fundamentais da crítica marxiana da economia política capitalista, que viria ser, mais tarde, a primeira versão da sua obra maior, *O capital: crítica da economia política*.

Nos próximos fascículos, por fim, caminhamos para a última seção dos *Grundrisse* (Terceira Seção. *O capital que gera frutos. Juro. Lucro. (custos de produção etc.)*), trazida por Rosdolsky em *Gênese* com o título *Parte IV – O capital produtivo. Lucros e juros*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IA DE CIÊNCIAS DA URSS – Instituto de Economia. **Manual de Economia Política**. Capítulo II - Modos de produção pré-capitalistas. Nascimento da Formação Capitalista nas Entradas do Regime Feudal. O Papel do Capital Comercial. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/02.htm#i12c2>.

ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.

ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma análise existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.

ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.fevistaseletronicas.pucrs.br/fojs/fojs/index.php/fintuitio/farticle/fdownload/f9664/f8478/f&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb->.

ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyJBHqnxRM0>.

ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.

ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.

AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf.a>

BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.

BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.

BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.

BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.

BEER, Marx. **História do Socialismo e das Lutas Sociais Quarta Parte: As Lutas Sociais na Época Contemporânea. Capítulo X – A segunda Internacional (1889-1914)**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/beer/ano/historia/p4cap10.htm>.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **A escassez na abundância capitalista** (videopalestra). Campinas-SP: Instituto de Economia da Unicamp. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/embed/7JKKYYhCxt8?start=191>.

BENOIT, Hector. **Resenha de "Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx"**. Revista Outubro nº 07. Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>.

BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.

_____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.

BHARADWAJ, K. (1990). **Economia vulgar**. In: Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (orgs) Marxian Economics. O Novo Palgrave. Palgrave Macmillan, Londres. Disponível em https://doi.org/10.1007/978-1-349-20572-1_59.

BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio "Trent'Anni Doppo"**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.

BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.

CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.

CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx**. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A3o-83o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto**. Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx "A burguesia e a contrarrevolução"**. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

CIPOLLA, Francisco Paulo. **A evolução da teoria da crise de superprodução na obra econômica de Marx**. Campinas-SP: Revista Crítica Marxista, nº 37, 2013, p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf.

COGGIOLA, Osvaldo. **Engels, O Segundo Violino**. São Paulo-SP: Editora Xamã, 1995.

_____. **Vida e polêmicas de Rosa Luxemburgo – um roteiro**. Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/vida-e-polemicas-de-rosa-luxemburgo-um-roteiro/>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características**. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach**. Disponível em <http://www.bibliotecaadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

_____. e FELDHAUS, Charles. **O conceito de essência humana a partir da concepção antropológica de Ludwig Feuerbach**. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/330209317_O_CONCEITO_DE_ESSENCIA_HUMANA_A_PARTIR_DA_CONCEPCAO_ANTROPOLOGICA_DE_LUDWIG_FEUERBACH.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWEwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho**. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch**. Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Introdução à leitura dos Grundrisse** (videopalestra). Rio de Janeiro-RJ: Editora UERJ, 2011. Disponível em <https://youtu.be/Xhds6tHvb08?t=2056>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/.

GENNARI, Adilson Marques. **Duas teorias da população no pensamento clássico: Karl Marx e Thomas Malthus**. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/duas-teorias-da-populacao-no-pensamento-classico-karl-marx.pdf.

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>.

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

GRESPLAN Jorge. **Existe o Livro IV do Capital de Marx? | Jorge Gresplan Explica**. Vídeo. Série: Marx e a crítica do modo de representação capitalista. TV Boitempo. 2020. Disponível em https://youtu.be/s6wll_I0QVc.

GRESPLAN, Jorge e DUAYER, Mário. **Grundrisse, de Marx**. Videoaula. TV Boitempo Editorial e parceiros. São Paulo-SP, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LlcqIOMc_ks&t=6s.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender O capital, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

HEINRICH, Michael. **Capital em geral e a estrutura de O Capital de Marx: novos insights a partir dos Manuscritos Econômicos de 1861-1863**. Site LavraPalavra, 2020. Disponível em <https://lavra.palavra.org/2020/09/01/o-capital-em-geral-e-a-estrutura-de-o-capital-de-marx-novos-insights-a-partir-dos-manuscritos-economicos-de-1861-1863/>.

_____. **Crítica ao filme "O Jovem Karl Marx"**. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>.

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>.

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels**. Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky)**. Disponível em <https://aterraerredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistapricipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de O Capital. Manual de Economia Política**. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf.

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MARIMBONDO, Santiago. **"O capital em geral" e os "múltiplos capitais" / Debate com Michael Heinrich a partir de Roman Rosdolsky**. Site Quilombo Spartacus, 2020. Disponível em <https://quilombospartacus.wordpress.com/2019/09/01/o-capital-em-geral-e-os-multiplos-capitais-debate-com-michael-heinrich-a-partir-de-roman-rostdolsky-2/>.

MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França**. Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>.

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>.

_____. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____ e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão.** Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.

_____. **Teses sobre Feuerbach.** HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A Historia de Sua Vida.** São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas.** Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica.** Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política.** Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado.** Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica.** Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social.** Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DI3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

_____. **Marx: dialética para principiantes.** Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

_____. **200 anos de Engels –A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune**. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo**. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PALUDETTO, Alex Wilhans Antonio e ROSSI, Pedro. **O capital fictício: revisitando uma controvérsia**. Instituto de Economia da Unicamp-SP, 2018. Disponível em <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3659/TD347.pdf>.

PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PEIXOTO, Joana. **Artigo Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação**. Cuiabá-MT: Revista Educação Pública, v. 25, nr. 591/1, 2016. Disponível em https://node1.123dok.com/dt05pdf/123dok_br/original/2020/12_28/wrveci1609151344.pdf?X-Amz-Content-Sha256=UNSIGNED-PAYLOAD&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=7PKKQ3DUV8RG19BL%2F20230522%2F%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20230522T222422Z&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Expires=600&X-Amz-Signature=0a66dff2c4bf1f045789b0878d33e7043729bae67591e46b3a6a4b29ee3dffa3.

PESSOA, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica** (Artigo). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

PIRES, Rogério Brittes W.. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões**. Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.

POCHMANN, Márcio. **As crises do capitalismo**. Introdução a David Harvey – Aula #2. TV Boitempo Editorial, 2021. Disponível em <https://youtu.be/EzsyTOBnIrk>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante**. Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho**. Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético**. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2001.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085. em

RUTKOSKI, Márcio Moraes. **O Papel das Crises para a Teoria de Marx sobre a Derrocada do Capitalismo**. Dissertação (Mestrado em Economia). Florianópolis-SC: Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004, Capítulo 4, item 4.1 (Disponível em <https://1library.org/document/yrov09jy-papel-cries-para-teoria-marx-sobre-derrocada-capitalismo.html>).

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>. em

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014. em

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>. em

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SILVA, Giliad de Souza. **O que são os esquemas de reprodução de Karl Marx**. Uberlândia-MG: Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, Economia e Ensaio, número 37, 2022, p. 55 (Disponível em https://www.researchgate.net/publication/358279817_O_que_sao_os_esquemas_de_reproducao_de_Karl_Marx_What_are_the_reproduction_schemes_of_Karl_Marx).

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosofia)**. Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+ntropol%C3%B3gico>).

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>. em

SITE BING. **Devir**. Disponível em <https://www.bing.com/search?q=devir&cvid=20d4ac9bda814c08968e70a030a5422b&aqs=edge.0.0l8j69i60.1510j0j1&pglt=515&FORM=ANNTA1&PC=LCTS&ntref=1>. em

SITE BLOG PURA ECONOMIA. **Joan Robinson (1903-1983)**. Disponível em <https://puraeconomia.blogspot.com/2005/03/joan-robinson-1903-1983.html>. em

SITE BRASIL ESCOLA. **Trabalho escravo contemporâneo**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/escravidao-nos-dias-de-hoje.htm>. em

SITE CONCEITO DE. **Laboriosidade**. Disponível em <https://conceito.de/laboriosidade#:~:text=A%20laboriosidade%20costuma%20ser%20considerada%20como%20um%20valor,detalhes%20e%20tentando%20conseguir%20o%20melhor%20resultado%20poss%C3%Adve>. em

SITE CONCEITOS. **Apropriação**. Disponível em <https://conceitos.com/apropriacao/>.

SITE CONTROLACAO. **Significados. Composição orgânica do capital**. Disponível em <https://www.controlacao.com.br/significado/composicao-organica-do-capital>. em

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>. em

- _____. **Matéria.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/mat%C3%A9ria>.
- _____. **Substância.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/subst%C3%A2ncia>.
- SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital.** Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.
- SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia.** Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>.
- SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatique.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.
- SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível.** Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>.
- SITE EDISCIPLINAS USP. **O capital – Crítica da Economia Política. Capítulo 4. Transformação do dinheiro em capital.** Aula 21. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2249205/mod_resource/content/1/aula-21-marx-o-capital.pdf.
- SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”.** Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.
- SITE FC UNESP. **Axiomático.** Disponível em <http://wwwp.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>.
- SITE FILOSOFIA. **História.** Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.
- SITE GAZ.WIKI. **Teorizando o valor dos produtos de trabalho.** Disponível em https://gaz.wiki/wiki/pt/Law_of_value.
- SITE INFOPEDIA. **Consciência.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia).
- _____. **Materialismo.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).
- _____. **Relações Sociais.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).
- _____. **Pensamento.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.
- SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história.** Disponível em <https://jornalggn.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-mezaros-em-para-alem-do-cap/>.
- SITE MARXISTS. **Marxismo legal.** Disponível em https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/marxismo_legal.htm#:~:text=Os%20C2%ABmarx%C3%ADstas-legais%C2%BB%20criticavam%20na%20imprensa%20legal%20os%20populistas%2C,marxismo%2C%20tornando-se%20membros%20do%20partido%20burgu%C3%AAs%20dos%20democratas-constitucionalistas.
- _____. **Piotr Berngárdovitch Struve.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/struve.htm#:~:text=Struve%2C%20Piotr%20Berng%C3%A1rdovitch%20%281870-1944%29%3A%20Publicista%20tusso.%20Por%20volta,%C3%B3rg%C3%A3os%20marxistas%20legais%3A%20N%C3%B3voe%20SI%C3%B3voe%2C%20Natch%C3%A1lo%20e%20Jizn>.
- SITE PORTAL GELEDÉS. **6 multinacionais envolvidas com trabalho escravo e exploração infantil.** Disponível em <https://www.geledes.org.br/6-multinacionais-envolvidas-com-trabalho-escravo-e-exploracao-infantil/>.
- SITE SIGNIFICADOS. **Ontologia.** Disponível em <https://www.significados.com.br/ontologia/>.
- SITE SISEJUFÉ. **1848 - Marx e a luta de classes na França.** Disponível em <https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/>.

SITE TIRO DE LETRA. Filosofia . Disponível em http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici- Filosofia.htm .	em
SITE UNIBLOG. Mulheres economistas na história: Joan Robinson . Disponível em https://uniblog.unicajabanco.es/mujeres-economistas-de-la-historia—joan-robinson .	em
SITE WIKIPEDIA. Adam Smith . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith .	
_____. A ideologia alemã . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3 .	
_____. Alfred Darimon . Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon .	
_____. Anais Franco-Alemães . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%BCher .	em
_____. Antonio Gramsci . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci .	
_____. Apologética . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolog%C3%A9tica .	
_____. Aristóteles . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles .	
_____. A sagrada família . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro) .	em
_____. Associação Internacional dos Trabalhadores . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores .	em
_____. Ateísmo . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ate%C3%Adsmo .	
_____. Austromarxismo . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Austromarxismo .	
_____. Axioma . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma .	
_____. Baruch Espinoza . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza .	
_____. Bruno Bauer . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer .	
_____. Burguesia . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia .	
_____. Capital . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia) .	
_____. Capitalismo . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo .	
_____. Capitalismo Industrial . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial .	em
_____. Classe social . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial .	
_____. Cogito ergo sum . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum .	
_____. Comuna de Paris . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris .	
_____. Comunismo . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo .	
_____. Contribuição à crítica da economia política . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%Adica .	em
_____. Coruja de Atena . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena .	
_____. Crise de 1857 . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857 .	
_____. Crise do capitalismo . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo .	
_____. Crítica ao Programa de Gotha . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha .	em
_____. David Ricardo . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo .	
_____. Democracia direta . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta .	em
_____. Demócrito . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito .	
_____. Devir . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir .	
_____. Dialética . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica .	
_____. Die Neue Zeita . Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita .	

- _____. **Dinheiro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%Adtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%Adtica)).
- _____. **Ditadura**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Divisão social do trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%Adfico. em
- _____. **Economia Clássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adtica. em
- _____. **Economicismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%ADtica)).
- _____. **Eugen von Bawerk**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria. em
- _____. **Fisicalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fisicalismo>.
- _____. **Força de trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.
- _____. **Forças produtivas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.
- _____. **Friedrich Engels**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.
- _____. **Fuso têxtil**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_\(t%C3%Aaxtil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxtil)).
- _____. **Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.
- _____. **Georg W. F. Hegel**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em
- _____. **Gustav Eckstein**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Gustav_Eckstein.
- _____. **Hegelianismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth.
- _____. **Henryk Grossman**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman.
- _____. **História da Moeda**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em

- _____. **Humanismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.
- _____. **Iluminismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean de Sismondi**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_de_Sismondi.
- _____. **Jean-Jacques Rousseau**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.
- _____. **Jenny von Westphalen**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen.
- _____. **Jovens hegelianos**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos.
- _____. **Karl Heinrich Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.
- _____. **Karl Kautsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.
- _____. **Lei do valor**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Libra**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_\(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas.
- _____. **Livre associação de produtores**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Lumpenproletariat**. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Lumpenproletariat#Etymology>.
- _____. **Luta de classes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Mercado Livre**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em

-
- _____. **Mercantilismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%Adsica>.
- _____. **Metodologia da Economia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Mikhail Tugan-Baranovski**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Tugan-Baranovski. em
- _____. **Modo de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Narodnik**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Narodnik>.
- _____. **Narodniks**. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Narodniks>.
- _____. **Nikolai Bukharin**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Bukharin.
- _____. **Nikolai Danielson**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Danielson.
- _____. **Nova Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **Otto Bauer**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Otto_Bauer.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%Ads_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Rene Descartes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanism**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.
- _____. **Revolução francesa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa.
- _____. **Revolução Gloriosa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa.
- _____. **Revolução Industrial**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.

- _____. **Revolução russa de 1917.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Revoluções de 1848.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848.
- _____. **Roman Rosdolsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Rosa Luxemburgo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Luxemburgo.
- _____. **Rudolf Schlesinger.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Schlesinger.
- _____. **Rudolf Hilferding.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Hilferding.
- _____. **Segunda Internacional.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Internacional.
- _____. **Segunda Revolução Industrial.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial. em
- _____. **Ser.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sergei Bulgakov.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sergei_Bulgakov.
- _____. **Sobre a questão judaica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica. em
- _____. **Socialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adico>. em
- _____. **Socialismo utópico.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista.
- _____. **Substância.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Tableau Economique.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Tableau_%C3%A9conomique. em
- _____. **Táler.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.
- _____. **Taxa de exploração.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa_de_explora%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Teoria da revolução permanente.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente. em
- _____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado. em
- _____. **Teoria do socialismo em um só país.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u m%20s%C3%B3.pol%C3%Adica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin. e m
- _____. **Teoria do valor-trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.
- _____. **Teoria populacional malthusiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_populacional_malthusiana. em
- _____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.
- _____. **Thomas Malthus.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Malthus.
- _____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital. em
- _____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha. em
- _____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse s%20produtos%20tenha%20sido%20o. em
- _____. **Valor de uso.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.

_____. **Vladimir Lenin**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenin>.

SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos**. São Paulo-SP: Revista Eletrônica Arma da Crítica, N. 04, 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida. **Mais-Valia ou Mais-Valor**. Uberlândia-MG: Economia Ensaios (v. 34 nº 2), Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeconomiaensaios/article/view/45288>.

TIBILE, Jean. **Marx contra o Estado**. Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&tlng=pt>.

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária**. Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIANA, Nildo. **A teoria da população de Marx**. Goiânia-GO: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n. 2, jul/dez 2006, Universidade Federal de Goiás (UFG). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/272856870_A_TEORIA_DA_POPULACAO_EM_MARX.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho**. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx**. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/8fac/372ef3c4eee595b57f78e1370ea4a8a8e61b.pdf>.

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvpm1gdq>.

[Erro: Origem da referência não encontrada](#)